

Edit|oria

LIVRE.

N# 8
Fevereiro de
2019



Colaboradores



Márcio Ribeiro é jornalista, caçara, com forte ligação com o lugar onde mora. Por isso atua também na área de turismo, utilizando dos cursos de Técnico em Turismo, Monitor Ambiental e Técnico em Lazer e Recreação (Senac Sorocaba). Sua principal ocupação é como funcionário público estadual, mas escreve para o Garoça para exercitar o jornalismo.



Stella da Silva Lima é geógrafa e professora do Estado da Bahia. Depois de ter sido discriminada na Espanha ela resolveu contar sua história para que outras pessoas tenham noção do quanto precisamos avançar.



Marcos Rodrigues é psicólogo, soteropolitano, descrente da política nacional e amante de uma boa provocação intelectual. Colaborador assíduo da revista e do site Editoria Livre.



Eddie Silva é escritor, corintiano e administrador de grupos do Whatsapp. é blogueiro e já foi podcaster na primeira leva desses programas em território brasileiro.

Índice

Colaboradores.....	02
Editorial.....	04
Coluna Refluxo!!! -	
Brava Gente Brabuletas.....	05
Da cor do racismo espanhol 2:	
A luta por justiça continua.....	07
Mito, lenda ou fábula.....	14
Primeiro dia de aula (Ficção).....	19
+ Cultura	
“Douglas e o Livro de Luz”desperta pensamento crítico nos leitores....	23
Labirintos ficcionais no coração do escritor.....	27
Colaboradores.....	39

EXPEDIENTE

Jornalistas responsáveis: Ms. José Fagner Alves Santos, MTb 0074945/SP e Márcio Ribeiro, MTb 0078407

Fotos: Banco de imagens do *pixabay*.

Foto da capa: Frank Winkler

Diagramação: J. Fagner.

Editorial

Chegamos à oitava edição. Quem diria? Resolvemos, finalmente, criar colunas fixas para esta publicação. A partir da presente edição, abriremos a revista com a coluna **Refluxo!!!**, escrita pelo meu amigo Márcio Ribeiro, e teremos também a coluna + **Cultura com Mariana Mascarenhas**, esta nas páginas centrais do volume. A primeira trará sempre uma reflexão anárquica de algum tema relevante; a segunda será o nosso canal de dicas culturais. Estamos negociando com o colega Marcos Rodrigues uma coluna fixa sobre política. Seus artigos têm flertado com essa temática e acho que seria bom fixar um espaço para isso.

Como promessa é dívida, a professora Stella Lima conta o desfecho da sua história. Os três dias que passou trancafiada em território espanhol e sua consequente deportação. Logo depois teremos o quinto capítulo do livro *Tudo que tenho de fazer é sonhar*, do nosso amigo e padrinho Eddie Silva. Esse é o último trecho que publicaremos por aqui. Se quiser conhecer o resto da história eu recomendo que vá atrás do livro.

Ainda nesta edição, apresentamos uma entrevista com o jornalista Jonas Oliveira, assíduo colaborador desta publicação. Jonas escreveu e publicou um

romance recentemente e eu achei que era pertinente conversar com ele sobre o processo criativo.

A parte mais legal em manter uma publicação independente é a liberdade para o experimentalismo. A cada edição fazemos novos testes. Algumas coisas são aprovadas e vão ficando, outras são descartadas e vão sendo substituídas. Essa é a graça do processo.

Insisto para que você nos ajude na divulgação deste material. Compartilhe com um amigo, seja em formato impresso ou digital. Ajude-nos a tornar essa publicação conhecida. Não esqueça também de visitar o nosso site: www.editorialivre.com.br

Críticas e sugestões são sempre bem-vindas.

Boa Leitura.

J. Fagner

Refluxo!!!

Brava gente brabuletas

Por: Márcio Ribeiro



Meu caro amigo. Queria tanto lhe falar, mas a internet andou arisca.

Se me permite, eu vou tentar fazer um segundo coito, digo: Lhe remeter!

Notícias de gente fresca nesta escrita.

Escuta esta, amigo Fagner e aos amigos do amigo.

Nosso estado é laico, mas as mulheres vestem laicra. E rosa.

A ministra é evangélica com idéias cadavéricas. Ou morta.

Nossa conversa esquelética é

cética. E torta.

Diferente do ex, temos um presidente que é palmeirense. Da porca.

Rima, rima, rimou...?

Os meninos vestem azul e querem tomar “no copo”.

Enchem a cara e enxergam o nada.

Cheios de chagas chatas, pelo corpo.

Andam cheirando e chorando gemem.

Andam sem jeito, sem beijo nem no peito. Pasmem.

“Pois os bonitinhos estão virando “viadinhos”.

Enquanto os “feinhos viram bandidinhos?”

Rima, rima, rimou?

O braço da menina está igual ao tronco da brejaúva.

E passar a mão na escova é igual alisar a capa de tucum.

Mais grosso que o meu bigode.

Vemos preconceito por aqui

Também por ali, por lá e por acolá.

O preconceito está em toda a parte.

E os conceitos estão com seios sem anseios.

Tudo muda até bermuda, menos o Brasil, que continua mesmo sem futuro.

Brasil virou uma piada ao ar livre.

Pois sou brasileiro que veio da Volta da Mata.

Cada frase do Bolsonaro é uma risada.

E no bolso dos bolsominions naro. Quer dizer: Nada!

O meu também está vazio.

Somos ovelhas que votamos no lobo porque ele é honesto.

Na campanha prometeu fuder todo mundo.

E cumpre com vigor e afinco.

Afinca sem vaselina.

É mole e não sobe.

Tentando fazer graça no país da piada pronta.

E que a coisa aqui está mesmo preta.

Muita mutreta pra levar a situação.

Vamos levando de teimoso e de pirraça.

Vamos tomando e também, sem a cachaça,

Ninguém segura este rojão.

Rima?

Mas isto é mesmo coisa de bobão.

Melhor ser um bobão do que um bo-ruim .

Tá tudo com bolor porque mofo deu.

E o Dória?

Se eu não fosse paulista teria dó e ria.

Mas como sou, tenha dó e dói.

Ração humana para os pobres.

Raça humana jaz podre.

Ao menos os pets atendem melhor que a Upa.

Pelo direito de cuidar da nossa saúde em um pet.

Falar em pet, lembrei que o PT deu perda total. Será?

Brasileiro toma pedrada no peito e olha pra trás pra ver quem atirou

Engole o gelo e fica preocupado por não ter visto sair.

A coisa está mesmo preta e já é hora de me “despir”.

Muita cara feia pra engolir a transação.

Vamos engolindo sapos no caminho.

Vamos se amando, pois sem um carinho

Ninguém segura este rojão

Ri...?

Xau!

Obs: Trechos baseados na música “Caros amigos” (Chico Buarque / Francis Hime)

Da cor do Racismo Espanhol 2: **a luta por justiça continua...**

Por: Stella Lima

Uma professora espanhola viaja até o Brasil para visitar a irmã, também espanhola e casada com um brasileiro. Ocorre que, na chegada à Bahia, mesmo preenchendo todos os requisitos legalmente exigidos para a entrada no País, foi barrada no aeroporto de Salvador. Foram três dias de humilhações e constrangimentos contínuos... NÃO, a história não é essa, foi uma professora baiana indo visitar a irmã na Espanha. Então, o olhar é diferente?



Recordo-me de uma fala do filme *O Pai O*, dita pela personagem de Roque, interpretado pelo ator Lázaro Ramos em uma conversa com Boca, vivido por Wagner Moura:

“Suportar é a lei da minha raça, Boca. *Eu sou, sim, negro. Eu sou negro, sim. Mas por um acaso negro não tem olhos, Boca? Hein? Negro não tem mão..., não tem sentido Boca? Hein? Não come da mesma comida? Não sofre das mesmas doenças, Boca? Hein? Não precisa dos mesmos remédios? Quando a gente sua, não sua o corpo tal qual um branco, Boca? Hein? Quando vocês dão porrada na gente, a gente não sangra igual, meu irmão? Hein? Quando vocês fazem graça, a gente não ri? Quando vocês dão tiro na gente, a gente não morre também? Pois se*

a gente é igual em tudo, também nisso vamos ser [...]”

Bem, como prometido, estou escrevendo mais um relato sobre os três dias que passei no aeroporto de Madri e os desdobramentos até aqui. Falo, agora, sobre fatos que eu não estava preparada emocionalmente para expor e nem a minha família pronta para ouvir, mas lutar envolve enfrentar a dor por uma causa maior, que nenhum outro brasileiro seja exposto às mesmas situações degradantes, racistas e vexatórias a que fui submetida.

DIA 26/12/2018

Fui condenada antes mesmo de ser ouvida, passei por três entrevistas, nas quais nada do



que falava era verificado. Chorei muito, muito, muito. Nunca havia sido submetida a uma situação de racismo tão explícita e cruel. Lembro-me de não ter conseguido comer direito e então fui dormir. Não sei explicar a que horas exatamente acordei (não tinha celular, computador e não portava relógio de pulso, tudo me fora tomado), mas a dor de cabeça era tão forte que não conseguia abrir os olhos.

Levantei e dirigi-me à porta, onde solicitei um analgésico, que estava em minha bolsa, a um policial e fui informada, por este, que teria que passar por médicos para tomar qualquer remédio. Eu disse que aceitava e aguardei sentada em uma cadeira. Algum tempo passou e eu não fui levada a médico nenhum. A cabeça parecia ia explodir. Então, mais uma vez me dirigi ao policial, implorando pelo amor de Deus que me levasse ao médico ou me deixasse tomar o remédio, e foi aí que ele me fez algumas perguntas e, enfim, me deixou tomar um comprimido de Dipirona.

Estavam na sala: uma senhora de pelo menos 70 anos, outra que aparentava ter uns 50 anos, um senhor também por volta dos 50, uma jovem que deveria ter uns 20 anos e um homem relativamente jovem com uma criança, um menino. Recebi muito conforto dessas duas senhoras que estavam o tempo inteiro com uma Bíblia na mão e repetiam palavras sobre o amor de Deus, tentando acalantar minha alma.

Dia 27/12/2018

Cada dia era uma humilhação maior. Na verdade, não existe medida para dia pior, todos foram terríveis. Mas, especialmente neste dia, não fui tratada como um ser humano, alguém dotada de dignidade.

A policial da segunda entrevista chegou até a sala de convivência dos policiais e chamou pelo meu nome. Nunca esquecerei aquele o olhar de deboche daquela policial e a indagação: “você recorreu, não foi?”... Seus olhos não disfarçaram o tom de zombaria, visível mal estar e escárnio. Enfim, ela entregou-me uma ordem judicial, na qual me concederam o direito de recorrer à justiça, no prazo de três dias úteis.

Eram três refeições por dia: café da manhã, almoço e jantar. Não posso reclamar da qualidade da comida, realmente não era ruim. O almoço chegava sempre após às 15 horas, uma pessoa era responsável pela entrega feita na sala em que fiquei. A tristeza só aumentava, só conseguia chorar, principalmente porque acabei sozinha na sala. As outras seis pessoas ou tinham pedido asilo político ou tinham sido mandadas de volta para seus respectivos países.

O entregador do restaurante entrou na sala, colocou três bandejas de comida em cima da mesa, as garrafas de água mineral de 500 ml e virou, em cima da mesa, uma caixa contendo pães e maçãs. As maçãs e os pães rolaram sobre as mesas coladas umas às outras, e eu ali, estarecida com

tamanha humilhação, a comida foi jogada como se fosse para alimentar animais e não pessoas. A trabalhadora social que presenciou a cena e estava visivelmente constrangida arrumou os pães em um saco, colocou um pão, uma maçã e um guardanapo em cima de uma das bandejas e posicionou na mesa. A essa altura eu não podia mais conter as lágrimas.

Após beliscar um pouco e chorar ainda mais, fui deitar. Algum tempo depois chegou um jovem do Peru que passaria pela entrevista e no dia 28 seria mandado de volta para seu país.

Dia 28/12/2018

Acordei no dia 28 ouvindo muitas vozes. Dormia sempre de porta aberta. Quando virei-me para a sala, ainda da cama, vi muita gente, acredito que eram mais de 20 pessoas na sala. Mulheres, homens e crianças, todos vindos de Honduras, exceto uma brasileira que estava vindo da Romênia. A presença de outra brasileira naquela sala fez meu coração apertar muito

mais, eu temia também por ela.

O café da manhã só chegou após as 11 horas, eu olhava aquelas três crianças (3 meninas lindas, a mais velha não deveria ter mais que 5 ou 6 anos). Existe uma sala de brinquedos que nunca vi aberta, as crianças ali são tratadas como adultos em miniaturas.

As pessoas foram levadas aos poucos para as entrevistas, todos solicitaram asilo político e se tornaram refugiados, exceto uma mulher (que tinha sempre uma palavra de amor e de esperança para todos). Alguns pediram asilo no dia 28, outros no dia 29.

Hora do almoço, e como era de costume, um policial entrou junto com o entregador, escolheu algumas bandejas e levou. Um jovem de Honduras ficou sem comida, ele estava no quarto quando o entregador chegou. Lembro do seu olhar de tristeza ao perceber que ficaria com fome, então a brasileira (vou preservar o seu nome), abriu a porta de vidro e pediu ao policial que devolvesse uma bandeja, porque tinha gente com fome na sala e devolveram





uma bandeja e o jovem enfim pôde almoçar.

Por várias vezes a cena se repetiu, um policial seguia o entregador, escolhia as bandejas de melhor aparência e as levava, só então poderíamos pegar a nossa e iniciar a refeição.

Mais tarde fui chamada para uma entrevista, as pessoas da sala que conheciam a minha história vibraram de felicidade, eu peguei os documentos e segui para o local. Chegando lá fui informada que não se tratava de uma entrevista, era para me entregar uma ordem judicial para que eu voltasse no dia seguinte.

O policial que entregou o documento foi o mesmo da entrevista número três. Naquele momento, ele não conseguia esconder a felicidade por ter vencido. Eu não entendi algumas coisas e ele buscou alguém que falasse um pouco de português (também não escondeu a raiva quando percebeu que eu não entendia tudo o que dizia). Após

assinar o papel, eu o olhei nos olhos e, com a voz embargada, falei o que estava vivendo ali: racismo, xenofobia contra latinos, tudo aquilo era porque sou mulher negra, solteira, latina, viajando sozinha.

Foi um misto de tristeza por não poder conhecer a nova família da minha irmã, e de felicidade porque enfim sairia daquele inferno.

Presenciei mãe e filhas receberem lençóis para se enxugarem porque, de acordo com a trabalhadora social, não havia mais toalhas limpas. Lembro-me dos lábios roxos de frio de uma das meninas, e eu esfregando o lençol nela para tentar aquecê-la (é muito difícil não ser solidário em uma situação como aquela). Fui solidária e recebi atos de solidariedade de todos que passaram por ali. O povo latino não tem coração de pedra, acho que o sorriso e a palavra de conforto foi a representação primaz do nosso povo ali, todos foram capazes de esquecer um pouco da sua dor para ofertar acalento a outrem...empatia.

Dia 29/12/2018

Já não tinha toalha de banho e também me enxuguei com um lençol, que me foi dado pela trabalhadora social. Agora, além de orelhão que dava choque, comida jogada na mesa, ser humilhada para ter acesso aos meus remédios ou ao desodorante, água que não estava suficientemente aquecida, também tive que tomar banho e me enxugar com um lençol.

Como era de costume, chamei a trabalhadora social e disse que precisava usar desodorante, ela me pediu para aguardar, porque iria transmitir o pedido a um policial e esperar para ver se seria acatado ou não. Após um tempo, a trabalhadora social abriu a porta de vidro e chamo. A polícia havia autorizado o uso do desodorante, ela perguntou quem iria primeiro, afinal, outra brasileira também havia solicitado. Como eu voltaria naquela tarde, minha patrícia deixou que eu fosse primeiro.

Quando cheguei à sala fiz o de sempre, apontei a mochila, que foi colocada pela policial em cima da mesa, abri e peguei um pote pequeno de desodorante em creme (não deveria ter mais que 10 ou 15 gramas dentro do pote). A policial se virou para mim gritando e gesticulando muito: MENTIROSA, MENTIROSA, você disse que precisava pegar um número no celular e você está usando desodorante, MENTIROSA, MENTIROSA... Naquele momento eu achei que seria agredida fisicamente pela polícia espanhola. Eu me virei para a assistente social que presenciou tudo e perguntei: a que horas eu pedi para anotar algum número de telefone? Então a trabalhadora social, visivelmente assustada respondeu: não, você pediu apenas para usar desodorante.

Voltei para a sala com o coração disparado, agora não sentia mais medo ou tristeza, era raiva, por ser submetida a uma situação tão absurda.

Já passava das 14 horas,

tínhamos fome. Muitos tinham se tornado refugiados e três mulheres do Peru tinham sido barradas, estavam aguardando a entrevista. Éramos seis mulheres na sala. Eu vi minha mochila na mão de um policial e então meu coração disparou, eu saíra daquele inferno, abracei e comemorei muito com as meninas. Um policial me chamou, eu usei meu perfume, calcei meu sapato de salto que estava na mochila, usei um pouco de hidratante nos pés e nas mãos e me declarei pronta. As meninas me olhavam da parede de vidro jogando beijos e vibrando de felicidade, eu enfim voltaria para casa.

Peguei minha mochila, minha mala de mão e acompanhei os policiais. Era muita felicidade, só felicidade. Quando descemos do elevador e demos poucos passos chegamos à pista de pouso com muitos aviões, o policial apontou e disse: “o avião é aquele ali perto, mas vamos nesse carro” (viatura). Eles ainda conseguiriam me humilhar mais. Entrei na viatura,



a distância era muito pequena, mas os policiais me deixaram exposta na viatura frente a todos os funcionários que ali estavam, a essa altura eu não tinha mais lágrimas, apenas lembrava das palavras de uma das tantas pessoas que passaram por ali: “eles se alimentam de nossas lágrimas, de nossa dor, conte até 3 e não chore”, e assim eu fiz. Entrei no avião de cabeça erguida, porque ali eu era vítima e não culpada.

No avião me senti sendo tratada de forma diferente pelas aeromoças, por diversas vezes. Mais uma vez fui julgada e dessa vez não fui ouvida, já condenada de vez.

Quando achei que tudo havia acabado, recebi minha mala com o zíper arrancado e amarrado por cordas, isso depois de quase duas horas esperando a bagagem na esteira. Perdi o ônibus e dormi em um hotel próximo à rodoviária, não tinha condições psicológicas de explicar a nenhuma prima ou tia, residentes em Salvador, tantas atrocidades. Eu só precisava dormir.

30/12/2018

Peguei um táxi para a rodoviária. Humilhada, com a mala amarrada por uma corda e as roupas à mostra, no terminal rodoviário de Salvador todos me olhavam. Parecia que as coisas da mala pulariam para fora, mas eu, de cabeça baixa, queria apenas voltar para casa.

Nota:

Onde estava o Consulado do Brasil na Espanha que não atendeu às nossas ligações?

Eu poderia ter sido tratada de forma justa e humana se o Consulado tivesse atendido alguma ligação. O Consulado não está lá para se envolver em decisões do Governo da Espanha, mas tem o papel de zelar pelo bem estar do brasileiro quando necessário, uma vez que é quem oficialmente pode nos proteger quando estivermos fora do Brasil. O telefone do consulado deve funcionar 24 horas por dia, mas nossas ligações não foram atendidas.

Fui recebida pelo Cônsul da Espanha em Salvador e indaguei o motivo de ser colocada em uma viatura (visto que eu não estava sendo deportada ou extraditada) e fui informada que é praxe, ou seja, se você não é criminoso, vai ter o mesmo tratamento de um criminoso na Espanha. Se o Brasil colocar um cidadão espanhol em uma viatura e o expor a um constrangimento desnecessário não terá problema, será visto como procedimento padrão?

A verdade é que eu tenho muitas marcas e muitas lembranças dos dias inglórios que vivi em Barajas, ainda aguardo muitas respostas.

Submeter um brasileiro a situações degradantes, vexatórias, racistas, que violam os direitos humanos é tolerável? Qual a cor necessária para a garantia dos direitos humanos? Meu passaporte brasileiro é inferior a um passaporte espanhol?

Mito, lenda ou fábula

Por: Marcos Rodrigues

Mitos, lendas e fábulas não surgem simplesmente do nada. Eles surgem de nossa tentativa de explicar coisas que ainda não compreendemos ou com o objetivo de propagar uma ideia sobre uma pessoa ou determinado comportamento. Seja como for, mito, lenda ou fábula trazem consigo muito pouco de realidade e sobram as fantasias e a imaginação.

Os mitos foram usados principalmente pelos gregos na antiguidade para explicar todos os fenômenos que não pudessem ser explicados pela ciência até então existente. Compostos por relatos

de heroísmos, elementos sobrenaturais e simbologias, os mitos mesclavam-se ainda a fatos e pessoas reais. Alguns mitos eram tão grandiosos que se tornavam deuses ou semideuses.

Entre os mitos mais conhecidos popularmente até nossos dias, estão o de Narciso, o Mito da Caverna e a Caixa de Pandora que é apenas outra versão para o mito bíblico de Eva comendo o fruto proibido e trazendo as desgraças para o mundo.

As lendas, por sua vez, possuíam a mesma função do mito, porém, diferentemente deste, as lendas envolvem muito mais fantasia e o imaginário popular, pois, uma das características da lenda é que ela é repassada oralmente. Por consequência disso, cada vez que é contada ela é prenhe das imaginações do contador inclusive por conta de suas vivências pessoais.

Algumas pessoas consideram que a maioria dos livros sagrados, incluindo a Bíblia, surgiram de lendas que foram se cristalizando entre um povo e seus personagens acenderam à divindade. Alguns pesquisadores afirmam que, a Bíblia é nada mais que a reunião

de lendas dos povos sumérios, egípcios e judeus, reunidos a partir do séc. X antes de Cristo.

Por fim, temos a fábula. As fábulas tiveram sua origem entre os povos do oriente e têm como características principais possuir o caráter moralizante



e geralmente usa animais, plantas ou objetos inanimados como personagens. As fábulas são um recurso muito utilizado por pais, professores e, é claro, políticos. Em ambientes opressivos ela é muito utilizada para fazer críticas de forma velada.

Curiosamente, alguns dos significados para fábula são mentira ou farsa.

Em comum os três: mito, lenda e fábula, dependeram ou dependem da capacidade do indivíduo imaginar e fantasiar surgir e sobreviver ao passar do tempo.

Em 1º de janeiro de 2019 tomou posse o 38º presidente da República Brasileira, o qual já há alguns anos vinha sendo chamado por seus fãs de “mito”. A maioria

desses fãs e outros que durante a campanha eleitoral de 2018 vieram a se tornar adeptos daquilo que dele se propagava nas redes sociais e conversas de boteco, embora não conhecessem muito de sua vida prática, criaram grandes expectativas em torno dele.

Se tivessem se dado ao trabalho de pesquisar um pouco sobre o mito (?), talvez tivessem descoberto que em suas quase três décadas ocupando uma cadeira na Câmara dos Deputados, Bolsonaro conseguiu aprovação de apenas míseros dois projetos. Um desses projetos levou à liberação da comercialização da falsa pílula de combate ao câncer, atualmente proibido pela ANVISA.

Quando se trata mesmo de significância política o nome de



Jair Messias Bolsonaro sempre pertenceu ao chamado baixo clero da política brasileira. Os componentes do baixo clero geralmente ocupam-se dos interesses voltados para impactar seus eleitores e manter sua fidelidade, bem como captação de recursos para suas regiões. A maioria dos seus partidos copõem o chamado “centrão”.

Outros dois políticos do baixo clero que alcançaram um momento de destaque na política brasileira foram: Severino Cavalcanti, em 2005; e Eduardo Cunha, em 2015.

Mas, voltando ao nosso “mito”, em menos de um mês de atuação como presidente da república ele deve ter causado algumas decepções aos seus seguidores fiéis.

Onyx Lorenzoni, seu ministro da Casa Civil, admitiu ter recebido dinheiro de caixa 2 da JBS. Aí o cara fez uma tatuagem no estilo *tatuagem de cadeia*, no braço, pediu desculpas e foi desculpado pelo paladino da justiça Sergio Moro, que é ministro da Justiça e Segurança Pública.

Outro ministro que chamou a atenção

Mas o próprio Bolsonaro já havia dado sinais de que não era nenhum exemplo de pessoa, que não era tão correto quanto se imaginava, em casos como o da “funcionária Wal”, que era lotada como secretária parlamentar em seu gabinete, mas que, na verdade, vendia açaí em Angra dos Reis. Misteriosamente após denúncias da fraude, Waldelice, supostamente pediu demissão. Preferiu arder ao sol escaldante de Angra em vez do conforto do gabinete e o salário de R\$ 1.416,33 para separar correspondências.

E teve a história do auxílio moradia que, segundo ele, era usado para “comer gente”. Tem a contradição de um partido claramente liderado por ele e cujo discurso é promover os valores tradicionais da família, mas que possui entre seus integrantes um ator pornô.

Mas tudo isso é nada comparado ao até então maior escândalo relacionado com Bolsonaro.

Trata-se de ninguém menos que seu filho, Flavio Bolsonaro. E para aqueles que diziam que Lula



não podia ficar dizendo que não sabia o que seus companheiros de partido faziam, tampouco um pai deve não saber o que um filho tão próximo faz com sua carreira política.

Flávio, antes mesmo que o pai tomasse posse, já em meados de dezembro, estava se vendo às voltas com as denúncias de suspeita de lavagem de dinheiro realizadas em parceria com um assessor que atuava como motorista e segurança de Flávio Bolsonaro. O detalhe importante é que o cara mantém uma notória relação pessoal com a família Bolsonaro.

Diante desses pequenos e brevemente citados casos fica a questão: Bolsonaro é “mito”?

Não. Porque, embora goste de explodir irado e falar toda sorte de asneiras em público, não detém tanto poder a ponto de concretizar suas ameaças como um deus mitológico. De ameaças de bomba a estupros, felizmente a ira de Zeus ou Cronus eram muito mais terríveis.

Então, talvez ele seja uma lenda!

Tampouco o é. Isso porque, aos poucos, a lenda ou “mito” - se preferir - que foram construídos ao redor de Bolsonaro estão se revelando frágeis. Além disso, assim como no caso do mito, enquanto possível lenda, lhe

falta o heroísmo diante das adversidades. Um herói não foge a debates ou desaparece para não ser entrevistado em um Fórum Mundial de Economia.

Um verdadeiro herói, daqueles que viram lendas, não foge.

Resta-nos, portanto, a fábula.

Ele não é inanimado, mas isso todos já sabemos. Além disso, seus comportamentos públicos não possuem nenhum efeito moralizante. Imagine se as pessoas comessem a gritar e ameaçar sempre que fossem contrariadas?

Mas, como vimos, fábula pode também significar “farça”.

Se olharmos para os discursos do sujeito em questão, sobre valores familiares, respeito, tradição, anticorrupção e compararmos com suas atitudes diante das adversidades (foge pra não falar) e escolhas de parcerias de governo (atores pornô e fichas sujas), concluiremos que o cara é mesmo uma bela fábula.

Resta saber por quanto tempo o imaginário e os anseios populares o sustentarão de pé, pois como os humores de Hera, os temperamentos do povão mudam de rumo mais fácil que se pode imaginar.



Primeiro dia de aula

Capítulo 05



Por: *Eddie Silva*

A pesar de o dia anterior ter sido muito movimentado, eu acordei cedo e com grande disposição, mesmo não sabendo o que o dia me reservava. Uma coisa era certa, eu teria que enfrentar a turma do Tuca. Finalmente chegou o dia. Era quarta-feira, e até hoje me pergunto o motivo de voltarmos às aulas no meio da semana. Lógico que nunca fui reclamar na diretoria. Já pensou se eles resolvessem, no ano

seguinte, começar mais cedo, num dia de segunda?

Meu pai ainda estava dormindo e eu não quis pedir para me levar à escola. Como era cedo, resolvi ir a pé. O sol aos poucos, como que tímido, ia aparecendo e o seu brilho ia refletindo nas folhas úmidas de orvalho. A cidade, naquele horário, era sempre deserta. De longe podia se ouvir alguns galos cantando e uns cachorros de rua latindo, isso quebrava todo o

encanto daquele lindo cenário. As únicas pessoas que se viam nas ruas eram o entregador de leite e a Dona Maria do Rosário, esposa do Dr. Jorge – o dentista da cidade. A dona Maria gostava de acordar cedo para varrer a calçada em frente à sua casa e a do consultório do marido que ficava ao lado. Muitos falavam que era falta de louça pra lavar. Coitada. Se todos seguissem o exemplo dela a cidade seria mais limpa.

Pela ardência na minha pele, concluí que o dia seria ensolarado, perfeito para nadar no rio. As pessoas começavam a aparecer nas ruas. Muitas se dirigiam ao trabalho, outras só queriam pegar o leite deixado no portão horas antes.

Tudo voltava ao normal, inclusive as aulas. E eu, sem perceber, consegui fazer o que seria impossível para um garoto normal: sair cedo e chegar quase atrasado no primeiro dia de aula.

A escola ficava bem no meio da cidade. Eu tive que correr para não dar de cara com o portão fechado. Isso, definitivamente, eu não conseguiria explicar ao meu pai. Em meio a muitos alunos se debatendo, à procura de suas respectivas salas, consegui achar

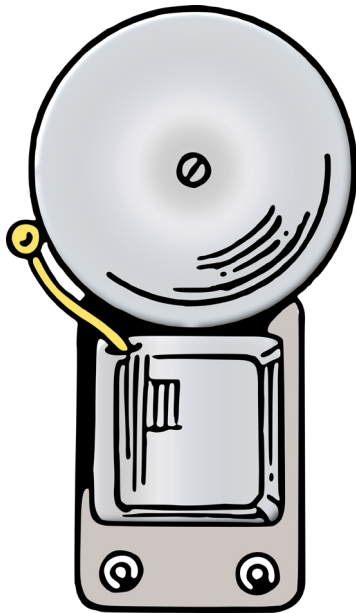
a minha. Eu estava na oitava série e tínhamos apenas uma turma. Assim, foi fácil encontrar.

Ao entrar na sala, antes de achar um lugar para sentar, olhei em volta atentamente. Geralmente, o primeiro lugar em que você

sentasse ficaria marcado pelo resto do ano. Não queria cometer os mesmos erros que das séries anteriores. Tentei procurar pela Alessandra – minha princesa – para tentar sentar perto. Queria, ao menos, poder ficar numa posição em que fosse possível observá-la durante as aulas.

Ela ainda não havia chegado. Senti um aperto no coração. Tocou o sinal para o começo da primeira aula. A professora entrou e, antes de conseguir

fechar a porta por completo, uma mão a empurrou na direção contrária, arrancando risos de toda turma. Era o Oliver que, num ato de cavalheirismo, deixou outra aluna entrar. Era a “minha” Alessandra. Naquele momento senti uma fisgada no intestino. Incrível como o meu nervosismo havia mexido com o meu organismo. A dor de barriga foi tão forte que pensei que iria fazer nas calças mesmo. Ao meu lado havia apenas um lugar desocupado. E, naquele



momento, não sabia se torcia para a Alessandra ou para o Oliver sentar ali. Como a minha dor de barriga dava indícios de que iria piorar, acabei concluindo que o melhor seria Oliver ocupar o lugar. Foi quando ele me viu e deu um grito: “Léo!”.

Todos olharam pra mim. Era possível ler, naquelas expressões, a pergunta: como foi que esse tímido conheceu o novato? O grito do Léo encerrou todas as chances da Alessandra, sentar ao meu lado. Estava na cara que o Oliver iria querer sentar ali. Naquele momento não sabia se devia agradecer ou dar um chute na canela dele. ‘Obrigado por nada, Oliver’, pensei em falar. Mas como minha dor de barriga e, consequentemente, a vontade de ir ao banheiro tinham passado, agradei a Deus pelo fato da

Alessandra não ter escolhido sentar ali. Não sei o que poderia ter acontecido. Na verdade, nem queria imaginar.

“E aí, Léo, já viu o tal do Tuca e os moleques?”, perguntou Oliver, esquecendo que a sala estava cheia e tinha uma professora de pé esperando os dois últimos atrasados ocuparem seus lugares. Novamente toda a sala se virou para mim, não acreditavam no que acabaram de ouvir. A maioria conhecia a fama do Tuca. E muitos até já haviam sofrido nas mãos daquela turma. Olhei para o pessoal com aquela cara de ‘de que diabos ele está falando?’, mas não pude escapar da professora Rute. Todos sabiam o quanto ela era rígida e o quanto ela ficava nervosa quando algo interferia em suas aulas.

“Então, Sr. Leonardo, não



vai responder ao Sr. ‘Cheguei 2 minutos atrasados?’”, Perguntou ela, arrancando novamente risos de toda a turma. Eu não sabia se era retórica ou se ela realmente desejava que eu respondesse.

“Desculpa, dona Rute, eu...”, antes que pudesse terminar, ouvi uma pancada aguda da régua de metal batendo contra a mesa de madeira. “Quieto!”, gritou ela, fazendo sua voz ecoar por todo o corredor. O silêncio tomou conta da sala imediatamente. Não se ouvia nenhum ruído vindo de nenhuma das outras cinco salas ao lado. Era sinal de que as aulas haviam começado. Todos na escola, temiam a Dona Rute. Nunca entendi o motivo dela ser tão amarga. De qualquer forma, seria um longo ano.

Olhei para Oliver. Queria observar sua reação diante da professora que acabara de conhecer. Ele sorria como quem bolasse alguma coisa, ou como se estivesse achando tudo divertido. “Definitivamente esse moleque não bate bem das ideias”, pensei.

Enquanto a dona Rute ia dando o seu “sermão dominical” para a turma, mostrando suas exigências e nossos deveres, corri meus olhos pela sala. Queria saber aonde a Alessandra estava sentada. Com todo aquele tumulto que o Oliver havia armado, esqueci de acompanhá-la com os olhos até seu local assento.

Ela estava na segunda fileira à minha direita e três cadeiras à minha frente. Não era um ângulo perfeito, mas o suficiente para ficar observando sem chamar a atenção.



“Sr. Leonardo, vai prestar atenção no que eu estou falando, ou vai ficar admirando a ‘Sra. dois minutos atrasados’, que está sentada aqui na frente?”, denunciou a professora, apontando para a Alessandra. A sala continuava em silêncio. A Alessandra nem cogitou olhar para trás. Mas eu sabia que ela não havia ficado nada contente com aquele comentário. O único que achava toda essa situação divertida era o Oliver. Eu já começava a achar que o sobrenome de Oliver era ‘Encrenca’, pois nunca vi tantos problemas num espaço tão curto de tempo. O pior é que o dia estava apenas começando, e mais encrencas iriam aparecer quando encontrássemos com o Tuca e seus comparsas. Algo me dizia que aquele não seria um bom dia.

Quando a dona Rute se virou para o quadro, olhei rapidamente para a Alessandra. Ela teve a mesma ideia e me pegou em flagrante. Tentei disfarçar mas já era tarde demais. O jeito que ela me olhou destruiu todas as esperanças que eu tinha de um dia puxar assunto..

Quinto capítulo do livro Tudo que tenho de fazer é sonhar; do Eddie Silva, que está em promoção na Amazon. Adquira já o seu exemplar. A promoção é por tempo limitado.

+ Cultura

com Mariana Mascarenhas

jornalista e mestra em Ciências Humanas

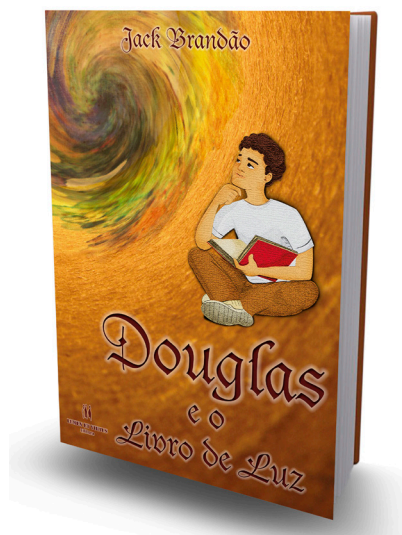
“Douglas e o Livro de Luz” desperta

pensamento crítico nos leitores

Já dizia Sócrates, o grande filósofo grego, “Sábio é aquele que conhece os limites da própria ignorância”, frase perfeitamente compreensível no processo da constante busca, pelo ser humano, por conhecimento. Afinal, quanto mais admitirmos não saber, maior será nosso anseio por novos aprendizados. É justamente esse reconhecimento que move o homem e o impede de se prender à sua zona cognitiva, incapacitado de olhar o todo.

Mas, infelizmente, são muitos os que insistem em olhar apenas a seu redor, sem ao menos se questionar sobre o que existe além do muro imposto por eles próprios, com receio de desconstruir crenças e aprendizados já consolidados há séculos.

Pobres mortais! Não sabem o quão inconstante é o



conhecimento que se renova, de maneira incessante, num ciclo interminável. Essa reflexão nos é proposta por meio da obra *Douglas e o Livro de Luz*, escrito pelo Prof. Dr. Jack Brandão. Uma obra surpreendente que faz uma verdadeira viagem ao universo do conhecimento, das imagens e da desconstrução de determinadas ideias já consolidadas.

O livro traz a história de

Douglas, um adolescente órfão que vive com a sua avó e que se destaca por sua curiosidade em querer saber cada vez mais sobre o mundo. Ele conta com a companhia de seus amigos inseparáveis de escola: a jovem Maíra, garota inteligente, que está sempre com as respostas na ponta da língua, e o simpático Luciano que, apesar de ser um pouco preguiçoso para estudar, descobre a importância do conhecimento para a vida.

A rotina dos três amigos muda completamente assim que Douglas se depara com algo inusitado: a imagem de um grande livro de luz, de onde saem diversas imagens em códigos. Sem saber se se tratava de sonho ou realidade, o garoto percebe, com o tempo, em decorrência de outros fatores, que o Livro pode ser mais real do que ele imagina.

Assim, ele e seus amigos embarcam numa verdadeira

aventura com o intuito de encontrá-lo. Para isso, Douglas terá que decifrar os códigos, contando com a ajuda de Luciano e Maíra, numa viagem no tempo e no conhecimento. Uma tarefa que não será nada fácil, pois, além dos obstáculos para decifrá-los, os jovens passam a correr perigo, pois não são os únicos em busca do Livro.

Todavia, não se trata de uma simples procura por um livro feita por Douglas e seus amigos, mas do que a trajetória feita pelos personagens traz aos leitores da obra. A medida em que os três jovens são movidos pelo seu objetivo, eles imergem numa pesquisa sem fim sobre caminhos que possam levá-los ao Livro. Nesse trajeto, eles vão adquirindo algo valioso, o qual ninguém lhes poderá tirar: o conhecimento. A consciência do quanto pouco sabem e necessitam pesquisar mais e mais,

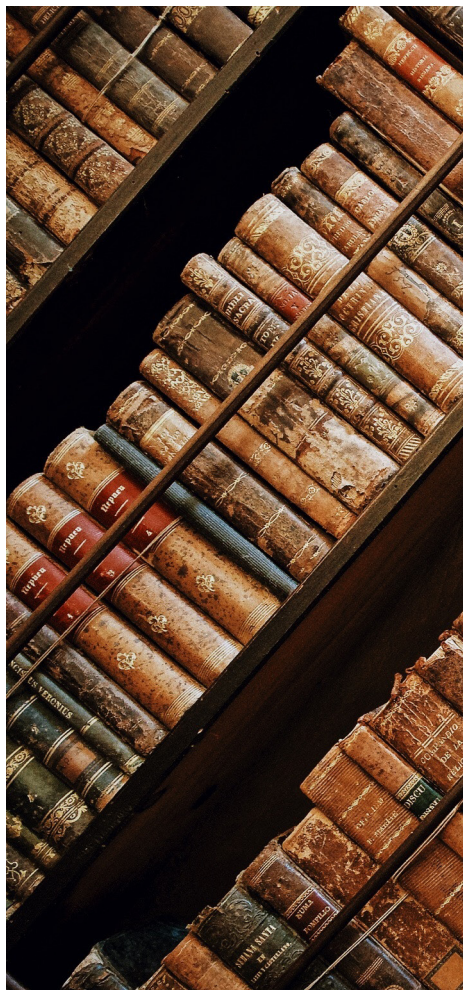


levam-nos a desconstruir ideias e crenças numa abertura cognitiva ao novo.

A relação com o passado e o quanto de referencial desse período que se perdeu, dificultando a real compreensão de determinadas informações, por terem sido descontextualizadas, é outra reflexão importante sobre como jamais devemos estudar algo, sem considerar todo o seu contexto histórico. O valor de uma amizade verdadeira, o perigo do acesso ao conhecimento por traidores e manipuladores, entre outras questões, também são lições trazidas pela obra.

Dedicada, especialmente, às crianças e aos jovens, a literatura infanto-juvenil vem se expandindo cada vez mais no mercado literário, atraindo assim leitores assíduos cada vez mais jovens. Douglas e o Livro de Luz é uma ótima indicação para esse público, mas também para todas as faixas etárias, por despertar o pensamento crítico nos leitores, fazendo-os refletir sobre a relevância de questionar, pesquisar e jamais aceitar as informações como únicas verdades absolutas ou se prenderem aos seus mundos.

Afinal, “QUEM DOMINA A PALAVRA OU DOMINA O MUNDO OU NÃO SE DEIXA DOMINAR POR ELE!”, ou seja, “quem tem o domínio da palavra, quem sabe ler e escrever de verdade, quem consegue entender nas entrelinhas o que os outros querem dizer, não se deixa dominar por aqueles que têm o poder de escrever” (p. 448 de Douglas e o Livro de Luz).



Serviço:

Douglas e o Livro de Luz

Autor: Jack Brandão

Editora: Lumen et Virtus

Mais informações: www.editoralumenetvirtus.com.br





Labirintos ficcionais no coração do escritor

Foto: arquivo pessoal do autor

Por: J. Fagner



Arthur Ferraù é um jovem brasileiro que, após várias desventuras amorosas no Brasil, decide ir morar em Londres para estudar e trabalhar. No novo país, ele vive diversas aventuras enquanto busca um novo amor, sempre acompanhado de seus amigos, com quem ele vive as mais diversas confusões.

Porém, entre uma decepção

e outra, e enquanto ajuda os seus amigos, Arthur descobre o grande amor da sua vida bem ao lado dele e de uma forma que ninguém esperava.

Escrito pelo jornalista Jonatas Oliveira (colaborador desta publicação), *O diário de Arthur Ferraù* é um romance despretensioso, mas que fomenta a reflexão.

Disponível no site da Amazon, o livro tem uma pegada que lembra alguns seriados de sucesso. A seguir você lê uma breve entrevista com o autor.

Gostaria que você começasse nos contando como se deu o processo criativo. De onde você tirou a inspiração para a história?

O livro é 90% composto de ficção baseada em histórias que presenciei e algumas poucas histórias da minha vida, todas dramatizadas e livremente recriadas para dar mais dinâmica e peso dramático. Os outros 10% são histórias criadas e sem inspiração em tramas reais, mas baseadas em comportamentos reais observados por mim ao longo do tempo, ou seja, não vivenciei as histórias desses 10%, mas tomei conhecimento de

pessoas e situações semelhantes e, mesmo sem detalhes para compor as tramas, eu recriei livremente essas histórias. Livremente e sem me preocupar com o quanto elas tinham de veracidade ou não. Nos outros 90%, essa preocupação foi mais presente e determinante em todos os momentos.

Você assume algo de autobiográfico na trama?

Na verdade, ele não tem quase nada de autobiográfico, com exceção de algumas tramas que foram vividas por mim, seja como espectador ou protagonista. Alguns leitores e amigos sempre perguntam se o Arthur Ferraù é meu alter ego e sempre digo que ele é uma espécie de "alter ego sem ser". O perfil do personagem é de fato parcialmente inspirado em mim, mas eu não concordo com a maioria





das posturas e atitudes dele. Além disso, o Arthur é absolutamente intenso e desbravador, dotado de um grande senso de justiça que às vezes o mete em enrascadas, enquanto eu sou muito mais pragmático. Costumo afirmar que o Arthur possui o meu humor e um pouco da dramaticidade que eu tinha quando era adolescente, o resto é tudo dele.

De qualquer modo, você assume ter se inspirado livremente em situações que viu acontecer. Não fica receoso?

Não tive medo da exposição, pois tomei muitos cuidados para não identificar e desvincular o material das pessoas que viveram as histórias reais. Inverti tramas, criei perspectivas diferentes das histórias e pessoas, tudo buscando descaracterizar a vida real, mas usar a essência e o enredo do fato. Por causa desse critério, muitas histórias foram também descartadas, por eu entender que a descaracterização aplicada não era suficiente para evitar a exposição e possível identificação. Por outro lado, são histórias relativamente comuns, que acontecem com alguma frequência e muitos já ouviram falar de pessoas que passaram por situações semelhantes na família, com amigos, conhecidos... Apesar de ainda não ser jornalista naquela época, eu sem querer exercitei o olhar jornalístico. Talvez pautado pela inclinação que sempre tive por essa profissão.

Além de usar suas vivências

e a de alguns amigos como matéria prima, o que mais te serviu de base?

Eu sempre gostei muito da série *Anos Incríveis* (1988 -1993) e confesso que a forma de narrar foi inspirado nela, tanto que o narrador do meu livro tem uma ou outra característica em comum na forma de conduzir a história. Também me baseei em *The OC* (2003-2004) durante o processo e, involuntariamente, a trama também remete ao seriado *Friends* e *Queer As Folk*.

Foi realmente involuntário?

Sim. Falo que é involuntariamente pois, durante o processo de escrita do blog e edição do livro, morava em uma cidade com poucos recursos e não tive acesso a essas obras naquele momento. Sabia que existia um seriado chamado *Friends* sobre um grupo de amigos, mas só fui assistir a um episódio desta série após 3 ou 4 anos. E *Queer As Folk*, eu só soube da existência porque um leitor do blog comentou que a trama lembrava bastante, mas só tive acesso a ela uns 6 ou 7 anos depois.

Atualmente você costuma acompanhar novelas ou séries?

Eu gosto muito de assistir séries. No passado cheguei a acompanhar algumas novelas com frequência, mas hoje não me considero noveleiro, daqueles que assistem uma novela após a outra, todos os dias e ao longo dos anos.



Quando uma nova obra começa, se a trama parece ser interessante no meu ponto de vista, eu começo a acompanhar e, após alguns capítulos, decido continuar ou não. Respeito muito o trabalho de autores, diretores e atores, por ser uma obra bastante complexa e trabalhosa.

Fale um pouco da sua relação com a dramaturgia.

Quando criança, vendo minha mãe acompanhar algumas novelas, eu até cheguei a dizer que queria ser romancista quando crescesse. Hoje, crescido, eu continuo com esse olhar e gosto muito de observar a vida e contar histórias. Quando estou escrevendo, busco sempre me inspirar no cotidiano e tentar retratar a vida da forma

como ela é ou como ela poderia ter sido, romantizando histórias e situações, criando uma espécie de paisagem literária com um pé na realidade e outro na livre criação. Às vezes falo com uma pessoa na rua e crio um personagem. Se for interessante, anoto e depois desenvolvo melhor. Inclusive foi assim que nasceu a história que estou escrevendo atualmente. Acho que a teledramaturgia tem isso de explorar o drama, o romantismo, o cotidiano e eu gosto muito de brincar com isso nos meus textos literários.

Você encara a escrita como um processo terapêutico, catártico?

Escrever ainda é, e sempre foi, um processo muito bom e de



certa forma terapêutico. E o formato adotado neste livro permite isso. Eu só não esperava a repercussão que tive na época. Pensei que um simples diário inspirado na vida real e narrado por um personagem virtual não seria muito relevante, mas estava enganado. Quando publiquei o blog, que se chamava *Minha vida em episódios*, cada postagem levava o termo de "Episódio" no título, como em uma série, e o último episódio da temporada 1 (na época eu pensava em fazer várias temporadas da trama), teve uma repercussão tão grande que ficou por 15 dias no ar, então despubliquei para editar o texto para um livro e recebi alguns emails pedindo que eu republicasse o capítulo, porque ainda não tinha lido ou queria reler. Fiz então uma espécie de "reprise" por mais 10 ou 15 dias e então tirei do ar definitivamente. No processo de edição, eu reescrevi todos os

textos, falas e mudei o final da história. Nessa etapa decidi não levar o projeto adiante, porque estava em processo preparatório para uma mudança de cidade para fazer faculdade.

Num momento em que tanto se fala sobre intolerância e homofobia, qual a importância de escrever e lançar um livro com personagem principal gay e temática em defesa dos LGBTs?

Enquanto o assunto não for tratado com naturalidade, devemos sempre falar sobre ele. Precisamos entender urgentemente que a expressão do amor é o que importa e não a forma como ele se manifesta. Meu livro caminha nesse sentido e encara a questão da sexualidade de forma leve e natural, com personagens que trabalham, estudam, sofrem por amor, são gays ou heterossexuais e a orientação



deles não é o assunto principal. Fui criado dessa forma, sabendo que o importante é o respeitar, [é] a honestidade e a integridade nas relações e na vida, não importando se "entre quatro paredes", como diz minha mãe, a pessoa dorme com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto. E o que pretendo mostrar com meu texto é isso, que o fato de uma pessoa gostar de alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto é apenas mais uma característica entre tantas outras que o ser humano possui e ninguém deve ser discriminado por gostar de alguém do mesmo sexo. O que realmente importa são outros valores. Aliás, em tempos tão difíceis, gostar de alguém é algo a ser celebrado, não importa se são dois homens juntos, duas mulheres juntas, uma mulher com outro homem.

Acha que autores que trabalham em cima dessa temática deveriam ter maior destaque?

Seria ótimo. Já vi pessoas sofrendo caladas por gostarem de alguém do mesmo sexo e que buscaram refúgio em lugares e situações muito ruins, ou até mesmo morreram por causa disso. É muito triste saber que isso ainda existe e um incentivo às narrativas que exploram a homossexualidade contribuiriam e muito para uma espécie de "descriminalização moral" que os LGBTs sofrem, retratando a normalidade e mostrando que em vez de pedras, são necessários abraços e compreensões, pois um

amor não correspondido dói para todo mundo, não importa se gay ou hétero. Apesar de quê, às vezes, no mundo gay é um pouco mais difícil por não ter com quem desabafar, se abrir. Seja por vergonha, medo ou qualquer outro motivo. E então aquilo fica entalado e o sofrimento fica cada vez maior.

Agora eu faço uma pergunta para o Jonatas jornalista: qual sua análise da cobertura que a imprensa brasileira faz dos temas ligados a comunidade LGBT?

Hoje temos muito mais abertura do que há alguns anos, mas ainda precisamos evoluir em diversas questões que possam ajudar a mostrar a naturalidade e a realidade das pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo, buscando promover a aceitação e também denunciando crimes. Como disse anteriormente, observo muito a vida e o cotidiano e percebo que, para muita gente, a homossexualidade é apenas sexo. Neste ponto a imprensa deveria atuar com força, mostrando que essa é uma visão preconceituosa e absolutamente parcial por não considerar que um homossexual pode ter um sentimento genuíno. Graças a Deus (ou seja lá qual for a manifestação do leitor neste sentido) a arte já está tentando há um bom tempo desmitificar isso e já deu alguns passos nesse sentido. Mas, infelizmente, ainda precisamos caminhar mais porque muita gente ainda morre por ser gay/lésbica.





Colaboradores



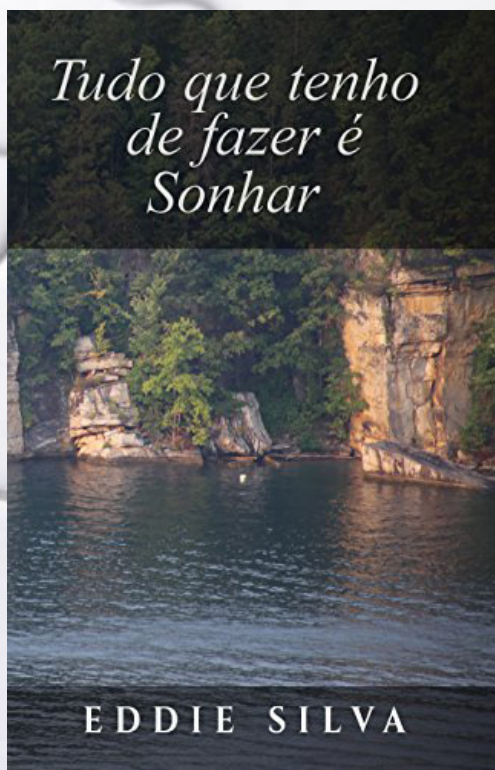
Mariana Mascarenhas é jornalista, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, Mestre em ciências Humanas. Assessora de Comunicação e blogueira de Cultura e Economia.



José Fagner é jornalista e mestre em Educação: História, Política, Sociedade. Blogueiro, escritor, criador desta publicação e cozinheiro nas horas vagas.

www.editorialivre.com.br

**Uma
publicação
Editoria
Livre**



Quanto tempo pode durar uma amizade? E quando ela não tem a chance de ser periodicamente cultivada?

Tudo que tenho de fazer é sonhar é o primeiro romance do Eddie Silva. O livro conta a história de Léo, um garoto do interior que acaba de entrar na adolescência. Leva uma vida monótona na cidade interiorana de Fronteira do Sul, no início dos anos oitenta. Passou as férias de verão nadando num rio a alguns quilômetros de sua casa. Na véspera do retorno às aulas ele é abordado por uma gangue de baderneiros que querem agredi-lo por simples diversão. De repente, aparece um garoto enigmático acompanhado de um cachorro beagle e empunhando uma laranja. Esse será o início de uma longa e sólida amizade.

Em formato físico ou ebook na

amazon